



## Como o cooperativismo impulsionou a criação de tilápia nas águas do 'Velho Chico'

Na represa de Três Marias, formada pelas águas do "Velho Chico", criadores de tilápia conseguiram impulsionar a produção por meio do cooperativismo. Tudo acontece no município de Morada Nova de Minas, fundado em 1852. Naquela época, os moradores cultivavam arroz, milho, cana-de-açúcar e criavam gado. Mas, em meados de 1960, as águas do Rio São Francisco inundaram pastos e lavouras por causa da construção das represas da Hidrelétrica de Três Marias. Com isso, bastante gente perdeu terra e acabou indo embora. Força do cooperativismo Quem ficou em Morada Nova de Minas, precisou se adaptar. Nesse contexto, produtores passaram a investir na piscicultura. No início, era tudo muito informal. Os pequenos criadores não tinham documentação e nem dinheiro para investir no próprio negócio. Foi quando o Sistema de Cooperativas Financeiras do Brasil, o Sicoob – que já atuava em várias partes do país oferecendo crédito a juros menores – enxergou a oportunidade de apostar na criação de tilápias na região. A cooperativa de crédito trabalha com produtos e serviços parecidos com os de um banco comum. A ideia geral é

oferecer empréstimos e cobrar juros na devolução do dinheiro. Enquanto no banco os lucros são distribuídos entre donos ou acionistas, na cooperativa de crédito, as sobras – e as eventuais perdas – são divididas entre os próprios associados. Hoje, o Sicoob tem 45 cooperados na atividade da tilápia no município. Além disso, uma outra cooperativa atua na região na parte de beneficiamento. É a Coopeixe, que recebe e faz o processamento final de boa parte dos pescados produzidos na região. No frigorífico chegam, todos os dias, cerca de 5 toneladas de peixe dos cooperados. Essa quantidade rende 1,5 tonelada de filé. Reprodução da tilápia Você conhece o ciclo reprodutivo da tilápia? Ele é bem complexo. A fêmea, por exemplo, guarda os ovos fecundados pelo macho na boca. De uma só vez, ela consegue carregar de 800 a 1.200 ovos. Os funcionários, então, retiram e levam esses ovos para a incubadora, que simula o movimento feito pela boca da tilápia fêmea. Quando os ovos eclodem, as larvinhas nadam para a bandeja. Fonte: G1



## Workshop da Unimed Ferj reúne dirigentes para debater o futuro do cooperativismo médico

Quais serão os desafios e os novos caminhos a serem seguidos pelo Sistema Unimed no estado do Rio de Janeiro? Estes foram alguns dos propósitos do workshop "Repensando o Sistema Unimed Fluminense", promovido entre os dias 28 e 29 de julho, na sede do Sistema OCB/RJ, com a participação de presidentes, dirigentes e profissionais da Unimed Federação Rio e de 19 Unimeds. Ao longo dos dois dias de evento foi debatido o atual cenário das Unimeds em território fluminense, assim como a situação da Saúde Suplementar no Brasil e no estado, entre outros pontos. Anfitrião do evento, o presidente do Sistema OCB/RJ, Vinícius Mesquita, ratificou o compromisso de batalhar em prol das cooperativas fluminense, incluindo as médicas. "Percebo entre os dirigentes das Unimeds o desejo de mudança, união e assistência para a construção de um grande sistema médico cooperativista, no estado do Rio de Janeiro e no Brasil. É nas adversidades que crescemos", disse. Diretor-presidente da Unimed Ferj, João Alberto da Cruz afirmou que um dos propósitos do encontro foi o de pensar fora da caixa e construir um sistema cooperativo mais forte e dinâmico, frente aos desafios do mercado. "Resolvemos pensar os planos de saúde do estado. Nós, a Diretoria Executiva, nossos colaboradores, diretores e executivos, que aqui estão, seguimos empenhados nesta missão, que é enorme. Temos um mercado que está nos olhando, esperando uma falha para nos atacar", explicou o presidente da Unimed Ferj, referente e fazer a proposta que está sendo construída



desde 2022 - fazer da Unimed Federação Rio a atual Unimed Ferj - uma nova operadora de planos de saúde do estado. "Nós, a Diretoria Executiva, nossos colaboradores, diretores e executivos, que aqui estão, seguem empenhados nesta missão, que é enorme. Temos um mercado que está nos olhando, esperando uma falha para nos atacar", explicou o presidente da Unimed Ferj. Diversos debates ocorreram ao longo do evento, como a complementariedade em prol das Unimed fluminenses e o andamento das Operadoras de Planos Privados de Assistência à Saúde (OPS), apresentado pelo superintendente da Unimed Ferj e os cenários da Saúde Suplementar no Brasil e no Rio de Janeiro, ministrado pelo professor de Finanças e Saúde da Faculdade Unimed, David Maia. O superintendente do Sescop/RJ, Abdul Nasser, apresentou propostas para novos caminhos a serem pensados e, posteriormente, seguidos pelas singulares que compõem a Federação das Unimed no estado. "As possibilidades de diversificação de negócios que as Unimed podem atuar são inúmeras. Temos exemplos pelo Brasil de cooperativas que são exemplos de gestão, e que atuam em toda a cadeia produtiva. As cooperativas médicas podem atuar assim também. É preciso estudo e um planejamento a longo prazo. Mas se não pensarmos nisso, seremos atropelados pelas grandes corporações", comentou; **Economia no estado** Outro ponto importante durante o workshop foi a visita do Secretário de Desenvolvimento Econômico, Indústria, Comércio e Serviços, Vinicius Farah. Em sua participação, ele comentou sobre o atual cenário da economia fluminense, citando que o estado está conseguindo reverter o panorama negativo da crise financeira de 2014 a 2020, com superávit de R\$ 4,1 bilhões no último ano, e uma retomada grande do emprego. "Deixamos um cenário adverso de R\$ 6,2 bilhões de déficit nas contas públicas para um

superávit, em 2022, de R\$ 4,1 bilhões. Além disso, somos o estado que mais está empregando, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). E isso é fruto de um trabalho que começa com a modernização das leis para o setor econômico. Acredito que podemos pensar em ações voltadas para as cooperativas médicas, que são importantíssimas no Rio de Janeiro, e fazê-las crescer", afirmou. A partir desse encontro, a Unimed Ferj e singulares formarão um grupo coeso e a par do mesmo nível de conhecimento, preocupações e expectativas sobre o novo momento da Saúde Suplementar, visando a sustentabilidade do segmento. **História do Coop Fluminense** Ainda durante o evento foi inaugurado o Mural do Cooperativismo Fluminense, que contará a história das cooperativas no estado em fotos. Nesse primeiro momento, compõem fotos representativas das 19 Unimed em território fluminense. Posteriormente, mais cooperativas terão seu retrato exposto no mural, que está localizado no 11º andar da sede do Sistema OCB/RJ.



## Terra e paixão: cooperativa de crédito terá papel importante na novela

Onde existe cooperativismo, existe desenvolvimento e boas histórias. E é isso que a novela Terra e Paixão começou a mostrar, com a

entrada de um novo personagem na trama: o Sicoob — maior sistema cooperativo de crédito do Brasil, que passará a desempenhar um importante papel na trama global. A cooperativa entrou na novela pelas mãos de Lucinda (Débora Falabella), uma mulher honesta, que trabalha em uma coop agropecuária, e quer ajudar os cooperados a investir em suas propriedades. "Eu andei fazendo umas pesquisas e percebi, em nossa comunidade, uma dificuldade geral quando o assunto é crédito e investimento", comenta. "Pensei que seria ótimo se a gente trouxesse uma cooperativa financeira para cá". Em seguida, ela apresenta o Sicoob como alternativa ao banco local — que, na trama, é controlado por Antonio LaSelva (Tony Ramos) — e explica as vantagens do coop de crédito. "A cooperativa tem tudo o que o banco oferece, as mesmas coisas. A diferença é que os cooperados são donos. Eles participam das decisões e dos resultados", argumenta Lucinda. Animado com a proposta, o presidente da cooperativa agropecuária, Tadeu (Cláudio Gabriel) dá carta branca para a abertura de uma agência do Sicoob. "Olha, isso aí pode resolver o problema de muita gente aqui da região. Gostei, vamos ter uma agência do Sicoob aqui em Nova Primavera", conclui. **Vida real** As cooperativas de crédito, na vida real, representam um caminho seguro para o desenvolvimento das comunidades onde atuam. Basta dizer que elas são as únicas instituições presentes em mais de 300 municípios brasileiros, segundo dados do Banco Central. Segundo o Anuário Coop 2022, as cooperativas de crédito geram 89 mil empregos diretos e injetam R\$ 5 bilhões na economia, apenas com o pagamento de salários e direitos trabalhistas. Quer mais? Elas fecharam o ano de 2022 com uma carteira de crédito de R\$ 383 bilhões que, em grande parte, beneficia justamente quem mais precisa e gera riqueza para o Brasil: produtores rurais e pequenos empresários. Além disso, — como bem explicaram os autores de Terra e

Paixão —, ao abrir uma conta em uma cooperativa de crédito, o cooperado torna-se sócio e dono da instituição financeira. A adesão é livre e voluntária, com portas abertas para todos os brasileiros. "O cooperativismo é um importante agente de inclusão financeira do povo brasileiro", reconhece o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. "É um orgulho saber que, a partir da trama da novela, cada vez mais pessoas conhecerão o modelo de negócios cooperativista e o muito que as cooperativas têm feito pelo Brasil."

**Participação nos resultados** Outro diferencial importante das cooperativas de crédito — destacado pela personagem Lucinda, na novela Terra e Paixão — é o fato de os cooperados receberem, no final do ano, uma participação nos resultados financeiros obtidos pela organização (as chamadas "sobras"). Funciona assim: quando uma cooperativa de crédito fecha o ano com resultado financeiro líquido positivo, esse dinheiro é distribuído entre os cooperados. A devolução é proporcional às operações realizadas com a cooperativa: quanto maior o relacionamento e utilização de produtos e serviços, maior a participação nos resultados. Em 2023, o Sicredi distribuiu R\$ 2,5 bilhões entre seus cooperados, e o Sicoob compartilhou R\$ 5,5 bilhões. Além da devolução das sobras aos cooperados, as cooperativas de crédito investem diretamente na melhoria das comunidades onde atuam. E fique ligado porque, em breve, apresentaremos mais diferenças entre as cooperativas e as outras instituições financeiras tradicionais.

**Serviço** Quer ver como as cooperativas de crédito funcionam na vida real? No episódio 9 da primeira temporada da websérie SomosCoop na Estrada, a jornalista Glenda Kozlowski mostra a história do Sicoob Centro-Sul, em Morrinhos (GO), uma cooperativa financeira com mais de 10 mil donos, que oferece crédito e atenção aos seus cooperados e ainda promove educação financeira e investe na

comunidade. *Fonte: SomosCoop*



## Fórum ABDE: Sistema OCB media painel sobre empregos verdes e transição inclusiva

O Sistema OCB foi convidado a contribuir com o ciclo preparatório para o 8º Fórum do Desenvolvimento, promovido pela Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE). O coordenador de Meio Ambiente e Energia, Marco Morato, mediu a rodada de conversa do painel *Empregos verdes: o trabalho na transição justa e inclusiva*, nessa quarta-feira (26), que contou com a participação de representantes da Organização Internacional do Trabalho (OIT), do Instituto Clima e Sociedade (ICS) e do Banco do Nordeste. O cenário da industrialização verde se soma às ações para uma economia de baixo carbono e pode refletir na geração de novos empregos, segundo os convidados. "Esse debate é fundamental para que a gente desenhe o caminho do futuro. A economia verde, a Agenda 2030 e a transição justa e inclusiva no trabalho estão intimamente relacionadas e formam estruturas basilares para o desenvolvimento sustentável. Essa sinergia é essencial para o equilíbrio entre o crescimento econômico, a inclusão social e a proteção do meio ambiente. O nosso desafio é fazer isso sem deixar ninguém para trás.

Essa iniciativa envolve garantir que os trabalhadores afetados pelas mudanças na economia na transição dos setores altamente poluentes para os setores mais sustentáveis sejam apoiados e tenham empregos de qualidade", enfatizou Morato na abertura do painel. O diretor da OIT, Vinícius Pinheiro, destacou o contexto desafiador em que o mundo vive no legado da pandemia da Covid-19, que demonstrou a vulnerabilidade das nações e, por outro lado, acelerou mudanças nos mercados, na produção de bens e serviços, no consumo, nos investimentos e no trabalho. "Essas novas dinâmicas de transformações estão causando mudanças sem precedentes na forma de trabalhar e as relacionadas com a questão climática vem acompanhadas por eventos extremos. As ondas de calor é um exemplo disto. Isso tem um impacto substantivo sobre as condições de trabalho e níveis de produtividade. Para se ter uma ideia, o estresse relacionado ao calor vai provocar uma perda de 2,2% da produtividade em termos de horas trabalhadas em todo o mundo. Isso equivale a 80 milhões de empregos destruídos por conta das mudanças climáticas", alertou o diretor. Pinheiro falou ainda sobre as tendências diante deste cenário. O impacto no segmento de inovação tecnológica e da digitalização, bem como os desafios de inclusão e transformação diante de novos modelos de negócios e distribuição de renda foram citados por ele. Para lidar com essas situações, a OIT recomenda primeiramente a promoção da justiça social. "Na última Conferência Internacional do Trabalho se acordou um conceito do que é transição justa. Esse conceito se expandiu e tivemos representantes de 190 países que disseram que transição justa consiste em promover economias ambientalmente sustentáveis de maneira inclusiva mediante a criação de oportunidade de trabalho decente e redução das desigualdades sociais, sem deixar ninguém para trás. A medida em que as matrizes são modificadas, alguns empregos são

extintos e outros criados. Para o Brasil, o novo cenário traz um saldo de criação de 15 milhões de empregos”, complementou. A diretora-executiva do Instituto Clima e Sociedade (ICS), Maria Netto, considerou que o tema finanças verdes traz a necessidade de promover investimentos sustentáveis. “Infelizmente o cenário atual demonstra que está difícil chegar nas metas estabelecidas para 2030, especialmente sobre o aumento da temperatura. Hoje há 66% de possibilidade que não atingiremos, pois já está subindo”, explicou a diretora. O tema competitividade internacional foi frisado por ela, juntamente com as oportunidades para que o Brasil se consolide como líder mundial nesta transição. “Nos EUA há um importante programa de subsídios para reduzir a inflação e recuperar a economia no segmento da economia verde. Por outro lado, a União Europeia atua com estes subsídios e outros sistemas de tarifas e fronteiras para promover os produtos verdes e a produção mais limpa. Neste contexto, o Brasil tem oportunidades reais. É a maior nação do mundo com potencial de recursos naturais para a produção da energia limpa e outras soluções baseadas na natureza para a redução da emissão de gases”, salientou Maria Netto. De acordo com ela, quando se fala do setor industrial, o Brasil também é protagonista. “É a indústria mais limpa do mundo, mais que a europeia, que a americana, isso sem falar da indiana e chinesa. Só que somos ruins em vender e apresentar esses diferenciais. Qualquer caneta brasileira é mais limpa se comparada a outra fabricada no mundo. Então, podemos utilizar nossos ativos sustentáveis para criar cadeia de valor e gerar trabalho e emprego, valorizando esses processos por meio de selos. Além disso, temos um enorme potencial para a indústria de biocombustíveis, que também lideramos, mas perdemos muitas oportunidades”, considerou. Maria Netto atentou que o país terá visibilidade global nos próximos dois

anos, pois sediará importantes eventos como a reunião do G20 e a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30). “Estes dois eventos vão dar uma atenção enorme para o Brasil. Minha provocação é como fazer a agenda de reindustrialização verde? Onde financiar e o que priorizar, energia solar, eólica ou de hidrogênio verde? Como criar cadeias de valor entorno dessas energias? Como podemos modelar instrumentos financeiros para alavancar o que já temos? Afinal 80% da nossa matriz energética já é renovável”, concluiu a diretora. Para o economista-chefe do Banco do Nordeste, Luiz Esteves, a combinação de fatores geopolíticos abre uma janela de oportunidades para a economia brasileira no que diz respeito ao protagonismo do país na transição. “Já começamos a receber investimentos, inclusive para hidrogênio verde e mais especificamente para a exportação dele. Temos como fazer uma estratégia mais sofisticada para aproveitar essas vantagens competitivas que o país apresenta. E isso passa por um conjunto de fatores, entre eles, termos um arcabouço para lidar com o mercado de carbono. Essa questão começa a tramitar em agosto, mas, como é um processo legislativo, não será rápido. Fato é que já poderíamos ter feito isso antes, o arcabouço é um incentivo fundamental também para termos segurança jurídica”, ponderou.

**Fórum do Desenvolvimento 2023:** A rodada integra o ciclo que antecede o 8º Fórum do Desenvolvimento 2023 promovido pela Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE). O encontro tem apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), patrocínio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF), do Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Siccoob) e da Agência Francesa de Desenvolvimento (AFD). Conta ainda com apoio do Programa das Nações

Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Fonte: SomosCooperativismo

LANÇAMENTO

# Curso ESG

Aprenda sobre as práticas ambientais, sociais e de governança nas cooperativas

- gratuito
- on-line
- curta duração

Faça sua inscrição  
[capacita.coop.br](http://capacita.coop.br)

capacitacoop Sistema OCB

**COOPERATIVISMO**  
 é geração de trabalho e renda